

## O discurso digital de Bolsonaro e Salles sobre covid-19, Amazônia e povos indígenas durante o primeiro ano de pandemia no Brasil<sup>1</sup>

Bolsonaro and Salles' digital speech on covid-19, the Amazon and indigenous peoples during the first year of the pandemic in Brazil

Júlia Klein Caldas<sup>2</sup>  
Maria Eduarda Giering<sup>3</sup>

**Resumo:** Nesta pesquisa, investigamos recursos tecnodiscursivos mobilizados por Jair Bolsonaro, enquanto presidente da República, bem como do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, sobre covid-19, Amazônia e povos indígenas, publicados no Twitter/X, durante o primeiro ano de pandemia do coronavírus no Brasil (de 11 de março de 2020 a 11 de março de 2021). Nosso objetivo é identificar e analisar as características do discurso digital praticado pelos sujeitos em questão para se enunciar, enquanto personalidades políticas, nessa rede social, considerando o papel de destaque da referida plataforma para o debate político moderno. À vista disso, baseamo-nos na Análise do Discurso Digital (Paveau), a partir de uma perspectiva ecológica e pós-dualista, apoiando-nos metodologicamente em uma análise qualitativa com base na noção de pequeno corpus, preconizada por Moirand (2020). Diante do exposto, este estudo conclui que o tecnodiscorso promovido por Bolsonaro e Salles no Twitter/X manifestou posicionamentos abertamente anticientíficos e negacionistas sobre as temáticas acima citadas, revelando um discurso digital marcado ideologicamente pelo conservadorismo e pelo pouco apreço às instituições públicas. Também constatamos que ambos manifestarem-se publicamente contrários à preservação dos biomas e à manutenção das vidas indígenas.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Digital. Jair Bolsonaro. Ricardo Salles. Pandemia. Twitter/X.

**Abstract:** In this research, we investigate technodiscursive resources mobilized by Jair Bolsonaro, as President of the Republic, as well as by the then Minister of the Environment, Ricardo Salles, about COVID-19, the Amazon, and indigenous peoples, published on Twitter/X, during the first year of the coronavirus pandemic in Brazil (from March 11, 2020 to March 11, 2021). Our objective is to identify and analyze the characteristics of the digital discourse practiced by the subjects in question to enunciate themselves, as political figures, on this social network, considering the prominent role of the aforementioned platform for modern political debate. In view of this, we base ourselves on Digital Discourse Analysis (Paveau), from an ecological and post-dualist perspective, methodologically supporting ourselves in a qualitative analysis based on the notion of small corpus, advocated by Moirand (2020). In view of the above, this study concludes that the tecnodiscorso promoted by Bolsonaro and Salles on Twitter/X expressed openly anti-scientific and denialist positions on the aforementioned topics, revealing a digital discourse ideologically marked by conservatism and little appreciation for public institutions. We also found that both publicly expressed opposition to the preservation of biomes and the maintenance of indigenous lives.

**Keywords:** Digital Discourse Analysis. Jair Bolsonaro. Ricardo Salles. Pandemic. Twitter/X.

<sup>1</sup> Este artigo é produto de investigação de doutoramento com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Pesquisadora de Pós-Doutorado [Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Linguística], São Carlos, SP, Brasil. Endereço eletrônico: [juliaklek@gmail.com](mailto:juliaklek@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora titular aposentada [Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada], São Leopoldo, RS, Brasil. Endereço eletrônico: [eduardajg@gmail.com](mailto:eduardajg@gmail.com).

## Introdução

A cada novo governo presenciamos (e participamos) de novos acontecimentos que aumentam ainda mais o interesse científico em analisar movimentos políticos e as tomadas de decisão do poder Executivo. No que diz respeito à Presidência de Bolsonaro, o notório destaque fica por conta de sua gestão da pandemia e de outras questões sensíveis àquela administração, como o aprofundamento da crise política brasileira, direitos humanos, Amazônia e povos indígenas. Essas temáticas também atraíram as atenções da mídia e do público em geral para a atuação de Ricardo Salles como ministro do Meio Ambiente, sobretudo por sua postura em relação às populações originárias e ao desmatamento dos biomas brasileiros, em particular naquele momento tão sensível para o país.

A presença digital de Bolsonaro e Salles foi intensa durante a pandemia, particularmente no primeiro ano, marcada por *lives*<sup>4</sup> semanais compartilhadas em diferentes redes sociais, reprodução de entrevistas, recortes de pronunciamentos, divulgação de materiais oficiais, entre outros. As postagens de ambos os políticos, nesse período histórico específico, com especial atenção ao então Twitter<sup>5</sup> (o atual X), tratavam de expor o posicionamento institucional do governo frente à maior crise sanitária do século, sendo os tuítes utilizados como ferramentas oficiais de informação pelos referidos representantes. Nesse sentido, investigar o discurso digital desses personagens políticos tem papel analítico e social, não somente pela relevância dos sujeitos enquanto representantes do poder, mas também pela legitimidade de seus discursos e pela influência que exerceram na população, ao repercutirem na vida cotidiana de milhões de brasileiras e brasileiros.

Ademais, as temáticas ambiental, povos indígenas e covid-19 estiveram muito presentes na pauta dos veículos de comunicação, das redes sociais e das agendas políticas durante o governo Bolsonaro, sobretudo as que tratam da Amazônia, que desperta o interesse não apenas da população brasileira, mas do mundo. Estamos tratando da maior floresta tropical do planeta<sup>6</sup> e do maior bioma do Brasil. Instituída pelo governo brasileiro como Amazônia Legal (Lei 1.806)<sup>7</sup>, em 1953, a região abrange os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins e parte do Maranhão<sup>8</sup>. A Amazônia Legal corresponde a uma área de 5.015.067,749 km<sup>2</sup> e representa 58,9% do

---

<sup>4</sup> Eventos transmitidos ao vivo em redes sociais, que podem ser gravados e compartilhados em diferentes ecossistemas.

<sup>5</sup> Ao longo desta pesquisa, optamos por utilizar o nome de origem da rede social Twitter, seguido de uma barra e o nome atual (Twitter/X), já que nosso corpus foi gerado em período anterior à mudança da marca. Entretanto, trata-se também de uma posição política, sobretudo considerando nossa oposição a Elon Musk (que, entre outras características, é um notório defensor da difusão de conteúdos sem nenhuma preocupação com critérios de veracidade, responsabilidade ética e social).

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/amazônia>. Acesso em: 24 abr. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5173.htm#art63](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm#art63). Acesso em: 24 abr. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/geonetwork/srv/eng/catalog.search#/metadata/d6289e13-c6f3-4103-ba83-13a8452d46cb>. Acesso em: 24 abr. 2022.

território brasileiro, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>9</sup>, divulgados em 2019. A floresta amazônica também abrange parte dos países vizinhos Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Equador, Suriname, Guiana e Guiana Francesa.

Esse gigantesco ecossistema também detém a maior reserva de madeira tropical do mundo, e outros recursos naturais, como borracha, minérios e uma grande variedade de espécies animais. A riqueza cultural da região inclui o conhecimento tradicional sobre o uso da floresta e formas de explorá-la sem destruir ou esgotar seus recursos. A Amazônia Legal também concentra a maior parte das Terras Indígenas (TIs) brasileiras. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA)<sup>10</sup>, 57% das TIs demarcadas no país estão concentradas nesse território, abrigando em torno de 276 povos e cerca de 154 línguas e dialetos. Dados divulgados pelo Censo Demográfico 2022<sup>11</sup> apontam que o Brasil possui 1.693.535 pessoas indígenas, o que representa 0,83% do total de habitantes do país. Mais da metade dessa população indígena (51,2%) está concentrada na Amazônia Legal.

Apesar de toda essa magnitude, há décadas, uma série de crimes ambientais são amplamente cometidos nos territórios amazônicos<sup>12</sup>. O agravante, no momento histórico da pandemia, se deu pela impunidade aos crimes contra o meio ambiente e pelo retrocesso nas políticas ambientais e sociais, que colocaram em risco a vida, a garantia aos direitos indígenas e à biodiversidade brasileira. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)<sup>13</sup>, de agosto de 2018 a julho de 2019 (primeiro ano de governo Bolsonaro), a área de vegetação nativa desmatada na Amazônia Legal representou 10.129 km<sup>2</sup>.

No que diz respeito aos povos indígenas, nos primeiros quatro meses de 2020, de acordo com o Inpe<sup>14</sup>, houve um aumento de 64% no desmatamento de seus territórios, dentro da Amazônia Legal, se comparado com o mesmo período do ano anterior. Dados divulgados pela Open Knowledge Brasil (OKBR)<sup>15</sup> revelaram que a vacinação contra a covid-19 nos povos indígenas residentes em territórios da Amazônia Legal foi mais lenta em relação a outros grupos prioritários e a outras localidades do país (inclusive, no dia 16 de março de 2021, o Supremo Tribunal Federal chegou a determinar que o governo federal priorizasse

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em: 15 ago. 2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/08/brasil-tem-1-69-milhao-de-indigenas-aponta-censo-2022>. Acesso em: 21 maio 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/08/os-interesses-economicos-por-tras-da-destruicao-da-amazonia/>. Acesso em: 21 maio 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=5465](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5465). Acesso em: 21 maio 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-em-terrass-indigenas-aumenta-64-nos-primeiros-meses-de-2020/>. Acesso em: 21 maio 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://ok.org.br/noticia/boletim-amazonia-itc-2-0-04-vacinacao-contra-covid-19-e-mais-lenta-para-indigenas-da-amazonia/>. Acesso em: 22 maio 2022.

também a vacinação de indígenas residentes em áreas urbanas)<sup>16</sup>. O desmatamento, as desigualdades socioeconômicas e a ausência de atendimento médico e de campanhas efetivas de vacinação dos povos indígenas contra o coronavírus, aumentaram a mortalidade dessa população<sup>17</sup>. O atraso do governo federal em relação à imunização dos povos originários refletiu, até mesmo, na preservação de línguas indígenas<sup>18</sup>, já que a morte de anciãos (incluindo idosos com mais de 100 anos) e guardiões desses grupos promoveu a diminuição da memória coletiva, prejudicando a permanência da cultura ancestral e a capacidade de sobrevivência dos verdadeiros donos dessas terras.

As temáticas covid-19, Amazônia e povos indígenas passaram a se entrecruzar no primeiro ano da pandemia, sobretudo nas redes sociais digitais (RSD), colocando em ação o discurso digital, objeto de investigação desta pesquisa. Por discurso digital compreende-se as produções linguageiras nativas da internet, produzidas no espaço da web 2.0, conforme preconizado por Paveau (2013a, 2013b, 2017 e 2021). Esses discursos, por sua vez, possuem características próprias que envolvem elementos linguísticos e extralingüísticos, ou seja, informações humanas e tecnológicas que formam o ambiente “no interior do qual os discursos são elaborados” (Paveau, 2013b, p. 3). A Teoria da Análise do Discurso Digital (ADD), elaborada pela referida autora, adota uma posição epistemológica pós-dualista, na qual o objeto de análise é constituído não somente por elementos linguageiros, mas também por componentes tecnológicos, tais como computadores, *smartphones*, programação de um site, aplicativo, programa de computador, rede social etc. Dessa forma, na ADD, os observáveis são tecnolinguageiros<sup>19</sup>.

Em relação ao Twitter/X<sup>20</sup>, as postagens de autoridades, políticos, jornalistas e representantes públicos são utilizadas como meio oficial de declarações institucionais, além de servirem como ferramenta e estratégia de comunicação para representantes públicos. Ademais, a plataforma possibilita uma rápida disseminação de conteúdos e possui uma grande capacidade de mobilização social, sendo (ainda) de extrema importância para o debate democrático da atualidade.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/16/vacina-governo-nao-pode-excluir-indigenas-de-areas-urbanas-dos-grupos-prioritarios>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/saude-precaria-e-postura-anti-indigena-exacerbaram-mortes-por-covid-19-na-amazonia-avaliam-cientistas/36634/>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/11/morte-de-anciaos-por-covid-19-ameaca-linguas-indigenas-do-brasil>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>19</sup> Paveau (2013a, 2013b, 2017 e 2021) incorpora o componente “tecnologia” aos elementos nativos digitais, como tecnodisco, tecnopalavra, tecnogênero etc. para marcar o posicionamento epistemológico pós-dualista, que prevê um compósito entre linguagem e tecnologia.

<sup>20</sup> É importante destacar que o uso político do X começou durante a campanha presidencial de Barack Obama, em 2008, quando o então candidato e agora ex-presidente dos Estados Unidos conseguiu estabelecer comunicação direta com os eleitores, gerando, assim, uma mobilização coletiva em torno de sua candidatura. Desde então, políticos de várias partes do mundo aderiram à plataforma.

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelo então Presidente da República, Jair Bolsonaro e pelo ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles para se enunciar no Twitter/X, enquanto personalidades políticas, relativos aos temas covid-19, Amazônia e povos indígenas, durante o primeiro ano de pandemia do coronavírus no Brasil (11 de março de 2020<sup>21</sup> a 11 de março de 2021).

Quanto ao recorte do *corpus* para este artigo, elegemos dois tuítes do então presidente Jair Bolsonaro e dois do ex-ministro Ricardo Salles, em um total de quatro postagens, por intermédio de pesquisa na ferramenta Busca Avançada, em que procuramos pelas palavras-chave “Amazônia”, “covid”, “meio ambiente” e “povos indígenas”, relacionadas aos principais momentos discursivos (Sophie Moirand, 2020) do primeiro ano da pandemia no Brasil.

Destacamos a necessidade de compreendermos o funcionamento dos discursos digitais na atualidade, especialmente no que diz respeito à relação entre indivíduos, linguagem e tecnologia, para uma correta interpretação da vida moderna em sociedade, cada vez mais atravessada pelo digital e pelas redes sociais.

### **Breve caracterização da Análise do Discurso Digital**

Os processos tecnológicos e informativos da *web* 2.0 e, especialmente, das redes sociais, nos provocam a refletir sobre as mudanças produzidas pelo digital, não apenas nas relações sociais, como também na maneira de se enunciar e produzir sentido. No campo midiático, por exemplo, os veículos tradicionais (TV, rádio e jornal impresso e *online*) não são mais os únicos detentores dos espaços de discussão, apesar de ainda seguirem fortes na construção e manutenção da opinião pública. De acordo com Lúcia Santaella (2021, p. 44):

Antes, a televisão levava a imagem do mundo para a sala de estar. Hoje, carregamos, na palma da mão, o cinema, o rádio, o livro, o teatro e até a televisão. Temos acesso, através das nossas pequenas caixas pretas, a quase todo o conteúdo disponível pela internet. Essas extensões e seus inúmeros acoplamentos e dispositivos de suportes midiáticos geram relações comportamentais, sociais, políticas e culturais distintas do passado.

Tudo isso influencia, diretamente, na maneira como nos relacionamos e como nos constituímos enquanto indivíduos na rede e fora dela. Essas novas práticas discursivas nos desafiam, portanto, a investigar as especificidades das produções digitais nativas e nos levam a buscar bases teóricas que contemplam a relação entre indivíduo, linguagem e tecnologia.

Assim, para analisar um discurso nativamente digital, isto é, criado originalmente na internet, partimos de pressupostos epistemológicos que consideram não apenas o

---

<sup>21</sup> Data em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a covid-19 como pandemia.

languageiro, como também as ferramentas tecnológicas envolvidas na produção dos enunciados, uma vez que assumimos não ser possível isolar o linguístico-discursivo do ambiente informático em que foi produzido. Di Felice (2021, p. 27) reitera a necessidade de não dissociar o humano do não humano em nossa contemporaneidade, pois “o conjunto de mundos de dados que somos – orgânico, inorgânico, humano, animal, vegetal, racional, robótico, algorítmico etc. – tornou-se, hoje, uma arquitetura de redes informativas e comunicativas”, de tal modo que estamos todos interligados digitalmente. Ainda de acordo com o autor (2021, p. 27), vivemos em um infomundo que combina vários universos, compostos por informações e materialidades distintas.

Nessa perspectiva, a Análise do Discurso Digital (doravante ADD), desenvolvida por Paveau (2013a, 2013b, 2021), propõe abandonar a concepção logocêntrica e dualista da linguagem, isto é, aquela que considera somente o linguístico, concebendo para o discurso nativo da internet uma perspectiva simétrica, qualificação baseada na teoria de Bruno Latour (1994) que, ao invés de separar, preconiza uma equivalência entre natureza e sociedade, humanos e não humanos. De acordo com Paveau, usuários e máquinas agem em conjunto, em uma coconstução que integra o languageiro e as determinações técnicas envolvidas na produção dos discursos digitais, como computadores, tablets, celulares, aplicativos, ferramentas de escrita etc. Segundo a autora (Paveau, 2013b, p. 3):

Os observáveis não são mais apenas materiais puramente linguísticos, mas materiais compostos, misturados com algo diferente da linguagem, ou seja, sociais, culturais, históricos, políticos, mas também objetos, materiais e, portanto, tecnológicos (tradução nossa<sup>22</sup>).

Ao considerar elementos linguísticos e extralingüísticos, a ADD estabelece um contínuo entre as matérias linguageiras e seus ambientes de produção, investigando, portanto, todo o sistema de elaboração do enunciado, o que Paveau (2021) denomina de ecologia do discurso. A partir desse pressuposto, a autora utiliza o termo “ambiente” para designar “o conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito dos quais os discursos são elaborados” (Paveau, 2021, p. 49), sendo essa abordagem ecológica fundamental para a ADD, por integrar o linguístico e o tecnológico, “e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc.” (Paveau, 2021, p. 159). Assim, de acordo com a ADD, aspectos dominantes que formam as condições da sociedade concreta, como trajetória histórica, ideologia circulante, relações sociais, formas de produção do capitalismo contemporâneo etc. são parte constitutiva da análise tecnodiscursiva, em mesmo grau que os elementos tecnológicos implicados nas produções digitais.

---

<sup>22</sup> No original: “Les observables ne sont plus seulement des matières purement langagières, mais des matières composites, métissées d'autre chose que du langagier, c'est-à-dire du social, du culturel, de l'historique, du politique, mais aussi de l'objectal, du matériel, et donc du technologique”.

À vista disso, a Análise do Discurso Digital propõe-se a descrever e analisar o funcionamento das produções digitais nativas (Paveau, 2021, p. 57), especialmente na *web* social, dando igual importância para recursos linguageiros e não linguageiros. A autora postula que os enunciados nativamente digitais estão sempre em relação com diferentes elementos, sejam eles outros discursos *online*, aparelhos tecnológicos ou internautas diversos. Essa relacionalidade é ao mesmo tempo material e subjetiva, já que depende da programação dos sites e aplicativos, das máquinas, e também dos próprios usuários, que configuram individualmente as interfaces de acesso à internet e às redes sociais em seus dispositivos informáticos, demonstrando diferentes padrões de preferência e comportamento. Estamos diante de outras formas de coexistência entre indivíduo, sociedade e tecnologia.

Ao reforçar a abordagem ecológica e integrativa preconizada pela ADD, Paveau (2021) utiliza o termo tecnodiscocurso como um gesto epistemológico pós-dualista para designar as produções nativamente digitais, assim como incorpora o componente “tecnó” a outros verbetes, como tecnopalavra, tecnogênero de discurso, tecnossigno, tecnografismo, tecnolinguagem e tecnolinguística (Paveau, 2021), justamente para asseverar essa coconstrução entre o linguístico e o técnico. Trata-se de um compósito que reconhece a articulação entre diferentes formas tecnolinguageiras, constituídas por uma mescla entre humano e não humano, linguagem e o tecnológico, que nos permite observar “realidades sociais verdadeiramente híbridas” (Paveau, 2021, p. 119). Di Felice, Torres e Yanaze (2012, p. 152) reiteram a necessidade de pressupor o aspecto relacional dos sujeitos imersos nas redes com os seus dispositivos técnicos, contemplando, assim, o que denominam como “formas simbióticas entre a técnica e o humano”, uma vez que estamos inseridos em uma realidade digital e social híbrida, interativa e colaborativa.

Nesse compósito entram as variadas operações tecnolinguageiras representadas por elementos clicáveis, como ocorre com as *hashtags*, os *hiperlinks* e os botões das plataformas digitais de interação. A escrita tecnológica prevê “[...] uma produção escritural em um dispositivo de informática, em ambiente conectado ou não, que implica traços gráficos, linguageiros e discursivos específicos” (Paveau, 2021, p. 179), que variam de acordo com o ecossistema de cada plataforma, isto é, com as configurações e possibilidades oferecidas por cada ambiente digital. Por isso, para compor um tecnodiscocurso, é necessário que o usuário possua um conhecimento prévio das práticas de escrita dos programas informáticos, aplicativos e sites, como limite de caracteres, ferramentas e, no caso das redes sociais, possibilidade de marcação a outros usuários ou compartilhamento de conteúdo, por exemplo. De acordo com a ADD, a criação de enunciados digitais passa, inevitavelmente, pelas restrições tecnológicas de cada ecossistema.

Gestos a exemplo do clicar, teclar, e outras ações mais específicas das redes sociais, como curtir, tuitar ou compartilhar, são alguns dos movimentos tecno-enunciativos

observáveis no âmbito da ADD. Ao analisar um discurso digital nativo, partimos, portanto, de uma tecnologia discursiva que integra linguagem a ferramentas informáticas e possibilita a produção de enunciados compósitos, deslinearizados, relacionáveis, investigáveis, ampliáveis e imprevisíveis (Paveau, 2021). Essas características são, de acordo com a autora, elementos fundamentais para investigar a produção e a circulação dos tecnodiscursos.

### **O enunciador digital político: uma categoria a ser explorada pela ADD**

No que diz respeito aos usuários da web 2.0, Paveau (2021, p. 163) utiliza o termo enunciador digital para referir-se aos locutores “nascidos na internet”. Segundo a autora, esses indivíduos “não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo se suas produções discursivas ecoem evidentemente discursos sociais já conhecidos”. Para ela, o tecnodiscocurso produzido pelos enunciadores digitais nativos é representado apenas pelo comportamento languageiro expresso na *web*, ignorando, assim, os discursos anteriores ao que foi produzido na rede. No entanto, ao tratar de personalidades políticas, compreendemos ser fundamental considerar também as manifestações *offline* de cada representante, bem como o seu histórico profissional e social.

Em nosso ponto de vista, é difícil separar o enunciador político da internet do enunciador político *offline*, pois consideramos que os discursos praticados em diferentes espaços (sejam eles entrevistas, pronunciamentos, comícios ou postagens em ecossistemas da *web* relacional) compõem a integralidade das produções languageiras do político. Nesse sentido, a intensa cobertura midiática em torno da rotina destes representantes, sobretudo os que estão no exercício de cargo eletivo, e de suas manifestações públicas em redes sociais (em particular no Twitter/X), reforça a necessidade de uma integração entre o discurso digital do político e seus comportamentos languageiros fora da rede. Normalmente, os representantes públicos possuem um planejamento de comunicação com diferentes estratégias, em que a linguagem é adaptada para cada situação e ecossistema (de acordo com as possibilidades de cada plataforma), levando em conta também discursos anteriores praticados por este locutor, como forma de validar e legitimar a sua identidade. Assim, a reputação de uma liderança política, embora possa ser amplamente projetada pelas redes sociais, também é constituída por sua trajetória prévia ao digital, o que torna a presença *online* e *offline* de operadores políticos indissociáveis.

Contudo, compreendemos que a definição empregada por Paveau (2021, p. 163) é baseada nos exemplos do “*Grammar Nazi*” e do *troll*. Enquanto o primeiro representa uma gíria inglesa utilizada para fazer referência a “um internauta excessivamente normativo em relação às regras da língua e intolerante em relação aos erros de ortografia em particular” (Paveau, 2021, p. 163), o segundo está relacionado a uma classe de locutor *online* “cujo

objetivo é minar as conversas intervindo nas discussões, seja dos fóruns, das redes sociais, dos blogs ou de outra plataforma conversacional” (Paveau, 2021, p. 170). Em ambos os casos, é comum o uso de pseudônimos para esconder a verdadeira identidade do autor, ou mesmo a criação de perfis falsos, em que um usuário se faz passar por outra pessoa. Nesses casos, é admissível pensar em uma dissociação entre o virtual e a vida fora da rede.

A partir do exposto, propomos uma reflexão para ampliar o conceito de enunciador digital desenvolvido por Paveau (2021), inicialmente distinguindo o político de outros enunciadores, considerando a figura do que chamamos de “enunciador digital político” como uma combinação entre as produções linguageiras praticadas na *web* e fora dela. Assim, concebemos este indivíduo não como um usuário comum, mas como um representante público, que utiliza a internet e as redes sociais de interação (sobretudo o Twitter/X) para expandir suas manifestações discursivas e, assim, fortalecer sua identidade política, tanto no digital como no *offline*. Desse modo, compreendemos que o enunciador digital político constitui sua personalidade pública nas RSD com base em valores, práticas sociais e discursos externos ao digital, já que disso depende sua credibilidade (diferentemente de um anônimo ou mesmo de outras figuras públicas, como atletas ou artistas, por exemplo, que não têm compromisso com o exercício do poder).

### **A deslinearização como prática de escrileitura**

De acordo com a ADD, os enunciadores digitais são também escriletores, na medida em que leem, escrevem e navegam pela *web*, sempre tendo em conta as possibilidades e restrições de cada plataforma. Ao longo desse processo tecnodiscursivo, a escrita digital e a maneira como cada usuário se comporta na rede são únicas e dependem de uma série de elementos disponibilizados pelos ecossistemas. Um exemplo disso é o que ocorre com os *hiperlinks* e as *hashtags*: todos esses elementos podem ser clicados e permitem ao usuário acessar conteúdos diversos, a partir de um enunciado fonte. Essa prática específica dos discursos digitais nativos, que afeta a ordem de leitura e escrita do usuário, é denominada por Paveau (2021) de deslinearização, e possibilita uma mudança na ordem de navegação, que pode ser visual (1), sintagmática (2), enunciativa (3), discursiva (4) ou semiótica (5), conforme propõe a autora.

Na deslinearização visual (1), a cor indica ao internauta a clicabilidade do conteúdo (o mesmo vale para o sublinhado em alguns casos). Na sintagmática (2), o destaque se dá por meio de *links* textualizados, isto é, aqueles exibidos no formato de segmento textual, como ocorre com nomes, palavras e frases sublinhadas ao longo de um texto (recurso muito utilizado pela imprensa, para fazer referência a explicações ou a temas anteriormente tratados). A deslinearização enunciativa (3) está relacionada à sintagmática (2), pois possibilita sair de um discurso fonte em direção a um discurso-alvo, ampliando o enunciado

de origem, conforme ocorre com o compartilhamento de *hiperlinks*. Esta é, inclusive, uma das principais marcas de deslinearização dos enunciados digitais nativos, já que pode alterar a sequência de escrita dos usuários (a depender das escolhas de cada internauta). A deslinearização discursiva (4) é expressa, nas redes sociais, por gestos tecnodiscursivos, a exemplo dos “pedidos de amizade” ou do “seguir” e “deixar de seguir”, conforme ocorre no Twitter/X, enquanto a deslinearização semiótica (5) remete a elementos não verbais, como imagens (estáticas ou em movimento), sons e gráficos (no caso do X, fotos, memes, vídeos, gifs etc). Essas representações também podem estar relacionadas a textos verbais, tornando “o verbal e o não verbal constitutivos” (Paveau, 2021, p. 148), como ocorre, por exemplo, com o tecnodiscocurso relatado, quando alguém compartilha uma postagem em rede social (ou mesmo com a captura de tela de um tuíte).

O universo digital possibilita uma leitura interativa e imensamente flexível, que permite ao usuário acessar novos conteúdos a partir de marcações ou redirecionamentos diversos, seja para uma página da internet, um vídeo, documento, contas em redes sociais ou mesmo para outros *hiperlinks*. Essas e outras características preconizadas pela ADD orientam metodologicamente a investigação dos tecnodiscursos, bem como apresentam novas formas de enunciação tecnolinguísticas, especialmente relacionadas às redes sociais.

### **Decisões metodológicas**

Para compor o *corpus* desta pesquisa, dada a relacionalidade e investigabilidade dos tecnodiscursos, foi possível buscar, encontrar e redocumentar (Paveau, 2021) tuítes anteriormente publicados, utilizando a ferramenta Busca Avançada<sup>23</sup> (acesso via Twitter/X Web App), disponibilizada pela própria plataforma, que permite personalizar a pesquisa por palavras, expressões, frases, *hashtags*, idioma e data, seja em contas específicas, tuítes de resposta ou menção a determinado perfil. As palavras pesquisadas foram “Amazônia”, “covid”, “meio ambiente” e “povos indígenas”, nas contas @jairbolsonaro e @rsallesmma, no período entre 11 de março de 2020 a 11 de março de 2021. A Busca Avançada exibe, por meio da aba “Principais”, os tuítes com maior engajamento em cada perfil. A partir disso, para este estudo, selecionamos as postagens com maior número de curtidas, em um total de quatro tuítes (dois de cada representante político), que serão descritos pelas autoras de acordo com as publicações originais<sup>24</sup>.

Nessa pesquisa, optamos por um *corpus* reduzido, baseando-nos na concepção de “pequeno *corpus*” desenvolvida por Sophie Moirand (2020, p. 20), que se propõe a refletir a realidade na “instância do acontecimento”, isto é, nos permite investigar os fatos da atualidade

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://twitter.com/search-advanced>. Acesso em: 11 set. 2023.

<sup>24</sup> Junto à descrição de cada tuíte, apresentaremos também o respectivo endereço eletrônico para consulta diretamente na plataforma.

no momento em que eles surgem, a partir de três premissas: um acontecimento discursivo, um momento discursivo, e instantes discursivos. O primeiro está relacionado a um episódio histórico retratado pelos meios de comunicação e redes sociais, que mobiliza determinada comunidade em todas as suas dimensões (cultural, religiosa, econômica, política, jurídica etc.); o segundo diz respeito a uma intensa repercussão sobre um mesmo fato – tanto na mídia quanto nos ecossistemas digitais – e que, com o passar do tempo, se tornará um acontecimento integrante de uma memória coletiva; já o terceiro representa instantes intermitentes que aparecem, desaparecem e voltam a circular nos meio de comunicação e na web social.

Isto posto, partimos do acontecimento discursivo “pandemia de covid-19”, maior crise sanitária mundial deste século, e de alguns momentos discursivos significativos para a sociedade brasileira durante o primeiro ano da pandemia no país, tais como: Campanha promovida por Bolsonaro pelo uso da hidroxicloroquina como tratamento para a covid-19 e responsabilização de indígenas por queimadas na Amazônia; Reunião da cúpula do governo em que o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, diz ser importante aproveitar o foco da mídia na pandemia para “passar a boiada” e afrouxar normas ambientais; Campanha contrária à vacina Coronavac encabeçada por Bolsonaro; Conceito governista de bioeconomia para a Amazônia e as comunidades indígenas.

A escolha pelo Twitter/X se deu em função de sua importância para as trocas tecnolinguageiras contemporâneas, em que posicionamentos públicos são amplamente compartilhados, sobretudo no campo político atual. Além do *microblog* ser muito utilizado por personalidades públicas e autoridades, o ecossistema ainda se mostra como um importante espaço para o debate público digital e a mobilização social. Reiteramos também a relevância da plataforma como meio de informação, especialmente no primeiro ano de pandemia, em que opiniões anticientíficas sobre o vírus da covid-19 foram amplamente divulgadas na internet, inclusive pelo próprio governo de turno.

### Análise dos tuítes de Bolsonaro e Salles

Na sequência serão descritos<sup>25</sup> e analisados dois tuítes de cada representante político (em um total de quatro), divulgados por meio das contas @jairbolsonaro e @rsallesmma. Cada postagem apresenta, além do conteúdo em si, características próprias do ecossistema Twitter/X, como miniatura da foto de perfil, nome da conta, nome de usuário, data e horário em que a publicação foi ao ar, além da quantidade de interações com o tuíte, conforme apresentaremos a seguir:

<sup>25</sup> Mantivemos, nas descrições aqui expostas, a mesma grafia utilizada pelos enunciadores digitais políticos em seus tuítes originais (como é o caso das postagens que aparecem com partes do texto em caixa alta).

Tuíte 1<sup>26</sup> de Jair Bolsonaro - promoção da hidroxicloroquina e responsabilização de indígenas por queimadas na Amazônia:

- Live de toda quinta-feira (23/07/2020): [youtu.be/oVIJD\\_tuRPY](https://youtu.be/oVIJD_tuRPY)

.Temas:

1-vidas, R\$600,00, desemprego, COVID, Reforma Tributária, fundeb, escolas militares, derivações da MP do futebol (liberdade dos clubes), MP 910 / regularização fundiária, Amazônia, novas obras, Agronegócio;

[Ao final do tuíte, aparece uma miniatura de vídeo do YouTube com o *hiperlink* de acesso ao material].

O tuíte 1 de Jair Bolsonaro foi publicado no dia 23 de julho de 2020 e é composto por texto verbal e um *hiperlink*, em que o enunciador digital político @jairbolsonaro divulga uma de suas *lives*, disponível na plataforma YouTube (com 38 minutos e 19 segundos de duração). No texto da postagem, o ex-presidente cita os temas que foram tratados na *live*, entre os quais estão “COVID” e “Amazônia”, junto ao *link*, que aparece como tecnopalavra e miniatura de vídeo. Ao ser redirecionado a esse outro conteúdo, em um ecossistema diferente do enunciado de origem, o usuário parte do texto fonte tuíte em direção ao discurso-alvo vídeo do YouTube. Com isso, mesmo que Bolsonaro tenha mencionado as temáticas que foram abordadas na *live* semanal, a deslinearização do tuíte se faz necessária para que o leitor tenha conhecimento sobre os argumentos apresentados pelo ex-presidente na ocasião. O referido *post* contou com uma interação de mil respostas, mil retuítes e 12 mil curtidas.

Ao acessar a íntegra da *live*<sup>27</sup> presidencial, por meio da deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), o internauta irá se deparar com a promoção da hidroxicloroquina em duas situações: na forma verbal, em algumas falas do ex-mandatário e no apelo visual, com a divulgação de uma caixa do fármaco em frente ao monitor da intérprete de libras. Além do destaque para a caixa do produto, que aparece em primeiro plano no começo do vídeo, o ex-presidente diz “não tô recomendando pra ninguém, não, eu tomei, 12 horas depois estava me sentindo muito bem, como estou muito bem, graças a Deus, até hoje”. Ele também citou que os então ministros Onix Lorenzoni e Milton Ribeiro contraíram o vírus e que ambos estavam curados em função do remédio. O ex-presidente chegou a dizer que acreditava na ciência, mas que o medicamento “não é recomendado e nem não é, tá em estudo ainda, mais cedo ou mais tarde vai se chegar à conclusão no tocante a isso”, afirmado que a falta de comprovação científica não seria razão para não utilizar o fármaco como tratamento para a doença. Bolsonaro expressou ainda que:

<sup>26</sup> Disponível em: [twitter.com/jairbolsonaro/status/1286494268509556736](https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1286494268509556736). Acesso em: 13 nov. 2024.

<sup>27</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD\\_tuRPY](https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD_tuRPY). Acesso em: 13 nov. 2024.

[...] Enquanto não tem um remédio pra atacar esse problema, é válido esse aqui [mostrando a caixa da hidroxicloroquina], porque se não me engano chama de off label, fora da bula, então o médico é que tem que ter essa liberdade. Não tá na bula, mas ele vai lá e prescreve. Quer prescrever hidroxicloroquina? Prescreve. Quer oferecer outra coisa qualquer? Isso depende do médico, off label, né, e do paciente. (BOLSONARO, Jair. Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro – 23/07/2020. 1 vídeo (38 min 19 s). Publicado pelo canal Jair Bolsonaro no YouTube).

Contudo, mesmo antes dessa *live* de Bolsonaro, divulgada no tuíte em questão, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) já havia emitido um comunicado<sup>28</sup> que pedia a suspensão imediata da hidroxicloroquina no tratamento da covid-19, ressaltando que “as orientações do Ministério da Saúde favorecem o uso ‘off label’, quando o fármaco é utilizado para uma indicação diferente daquela que foi autorizada pela Anvisa”, e que “Milhares de vidas estão em risco. Os efeitos colaterais podem ser severos”.

Já em relação à Amazônia e aos povos indígenas, em outro momento da *live*, Bolsonaro exibe uma folha com uma representação cartográfica que, segundo ele, teria sido gerada pela Nasa<sup>29</sup> para demonstrar focos de incêndio em diferentes regiões do mundo. Na ocasião, o ex-presidente afirmou que, de acordo com o mapa “se vocês olharem bem, na região amazônica não tem nada vermelho, não pega fogo, a floresta não pega fogo”, e disse ainda que as queimadas e a devastação da Amazônia seriam parte de uma campanha midiática maldosa “para derrubar o governo e falar mentiras”. Ainda de acordo com Bolsonaro, “tem certas regiões aqui, focos de incêndio, que existe, que vai existir quase todo o ano, que é o caboclo, é o índio que taca fogo, se ele não tacar fogo... é a cultura dele, aí ele não vai ter o que comer no dia seguinte” e que “o tamanho da Amazônia é maior que a Europa toda, não tem como você fiscalizar”. No vídeo, o ex-mandatário também diz que em seu governo foi criada uma medida provisória para tratar da Regularização Fundiária, que permitiria detectar por satélite a localização dos focos de incêndio em matas e florestas, mas que o Parlamento não teria levado o projeto adiante para votação. No entanto, ressaltamos que desde o início dos anos 1960, o Brasil possui o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)<sup>30</sup> que, entre outras atividades, faz o monitoramento de queimadas e do desmatamento no país, via imagens de satélite. Apesar disso, Bolsonaro não mencionou o órgão em nenhum momento

<sup>28</sup> Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1274-cns-reforca-posicao-da-fiocruz-sobre-uso-da-cloroquina-em-casos-leves-de-covid-19>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>29</sup> Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA) é uma agência do governo federal dos Estados Unidos responsável pela pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br>. Acesso em: 13 nov. 2024.

durante a *live*, desconsiderando também os diversos alertas<sup>31</sup> emitidos pela instituição brasileira sobre o risco de incêndios descontrolados na Amazônia naquele período.

O tuíte descrito e analisado a seguir foi produzido pelo enunciador digital político @rsallesmma, conforme expresso na sequência:

Tuíte 1<sup>32</sup> de Ricardo Salles – esclarecimentos sobre a expressão “passar a boiada”:

Alguns esclarecimentos importantes sobre a minha participação na reunião de Ministros e outros temas de Meio Ambiente.

[Ao final do tuíte aparece uma miniatura de vídeo do YouTube com o *hiperlink* de acesso ao material].

O tuíte 1 de Ricardo Salles é composto por texto verbal e um *hiperlink*, que possibilita ao usuário deslinearizar o discurso fonte e, assim, acessar outro conteúdo, em uma nova janela. A postagem (publicada em 25 de maio de 2020) contou com uma interação de 132 respostas, 323 retuítes, duas mil curtidas, sendo salvo por 13 contas, e está relacionada a uma fala de Salles, proferida durante reunião ministerial, no começo da pandemia. Para contextualizar a temática do tuíte, retomaremos algumas informações importantes a respeito do evento que deu origem ao *post*: dia 22 de abril de 2020, Bolsonaro reuniu-se com o então vice-presidente Hamilton Mourão e equipe ministerial para tratar da covid-19 e outros temas. No encontro<sup>33</sup>, Salles externou que era necessário aproveitar a atenção da mídia na covid-19 para “ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo”, conforme alguns trechos que seguem:

A oportunidade que nós temos, que a imprensa está nos dando um pouco de alívio nos outros temas, é passar as reformas infraleais de desregulamentação, simplificação, todas as reformas que o mundo inteiro nessas viagens que se referiu o Onyx certamente cobrou dele, cobrou do Paulo, cobrou da Teresa, cobrou do Tarcísio, cobrou de todo mundo.

Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid e **ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas**. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério

<sup>31</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiaba-regiao/noticia/2020/06/05/pesquisadores-do-inpe-e-cemaden-alertam-para-incendios-em-proporcoes-descontroladas-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1265053570715574272>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-gramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2024.

de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada à simplificação, é de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos.

Agora tem um monte de coisa que é só, parecer, caneta, parecer, caneta. Sem parecer também não tem caneta, porque dar uma canetada sem parecer é cana. Então, isso aí vale muito a pena. A gente tem um espaço enorme pra fazer. (G1, 22 maio 2020).

A reunião foi gravada e divulgada na mídia um mês depois, ganhando grande repercussão também nas redes sociais, já que além da polêmica manifestação de Salles, diversas outras autoridades, entre elas o próprio presidente, se pronunciaram de maneira desrespeitosa em relação à pandemia e a outros políticos.

No que concerne aos recursos tecnodiscursivos utilizados pelo enunciador digital político @rsallesmma, em seu tuíte 1, identificamos a ampliação do discurso fonte (Paveau, 2021) por meio do *hiperlink* inserido na postagem (que aparece no formato miniatura de vídeo do YouTube), para que os internautas tenham acesso a uma entrevista concedida pelo ex-ministro ao portal UOL, intitulada “Ricardo Salles explica o significado da expressão ‘passar a boiada’; veja entrevista”. Esse *hyperlink* também representa uma deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), já que possibilita ao usuário deixar o discurso de origem no Twitter/X e partir em direção ao fio-alvo, que foi o vídeo da entrevista disponibilizada no YouTube. Esse movimento tecnodiscursivo foi suscitado pelo próprio ex-ministro, que optou por apresentar suas explicações em um outro enunciado, fora do ecossistema da postagem original. Isso representa uma mudança na leitura do tuíte, uma vez que a ordem da enunciação foi modificada e ampliada pelo *hyperlink* (Paveau, 2021). Assim, para averiguar as justificativas de Salles sobre a expressão “passar a boiada” e sua participação no encontro governista, os internautas precisam assistir ao vídeo, em uma outra plataforma, para então verificar que o ex-ministro manteve o ponto de vista exposto em reunião, mostrando-se, mais uma vez, favorável ao afrouxamento de regras, sobretudo no âmbito ambiental.

Primordialmente, ao observar o tuíte sem acessar o *hyperlink* disponibilizado pelo enunciador digital político, poderíamos indicar evidências a respeito da imagem do ex-ministro relacionadas a discursos anteriores dele sobre questões ambientais, que evocam posicionamentos conservadores e revelam um político com pouca alteridade e que, inclusive, por diversas vezes, polarizou o tecido social a partir de interesses particulares. Contudo, essa representação de imagem foi reforçada pelos elementos tecnolinguageiros da deslinearização enunciativa e, por consequência, da ampliação (Paveau, 2021), que possibilitaram ao internauta verificar por si mesmo o posicionamento de Salles favorável à concepção de “passar a boiada” em leis vigentes. Além disso, como se tratava de um ministro da gestão Bolsonaro, partimos do princípio de que o ex-mandatário compartilhava das políticas econômicas e sociais daquele governo, a favor da devastação dos biomas brasileiros e do

enfraquecimento de instituições estatais. O agravante, nesse caso, foi justamente o fato de o ex-ministro defender, na ampliação do discurso apresentado por meio da deslinearização enunciativa, a polêmica fala manifestada em reunião, mantendo argumentos favoráveis a mudanças na legislação. Diante disso, em vez de se retratar frente às inúmeras críticas que recebeu, Salles preferiu apelar para justificativas, mantendo o posicionamento de quem se colocou contra leis e órgãos de fiscalização ambientais já instituídos.

A seguir vamos à mais uma postagem produzida pelo enunciador digital político @jairbolsonaro em seu Twitter/X, desta vez ampliada por comentário:

Tuíte 2<sup>34</sup> de Jair Bolsonaro - campanha antivacina:

[Tuíte]

A VACINA CHINESSA DE JOÃO DORIA

- Para o meu Governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA.
- O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM. (continua).

[Comentário]

- Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem.
- Diante do exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina.

O referido *post* aparece em formato simples, composto apenas por texto verbal. Conforme é possível verificar na postagem, o enunciador digital político @jairbolsonaro optou por ampliar o enunciado primeiro por meio de um comentário para, assim, complementar a sua manifestação tecnolinguística, procedimento sinalizado pelo verbo “continua”, entre parênteses, ao final do tuíte. Nesse caso, para fins analíticos, iremos considerar a totalidade da produção tecnodiscursiva, representada tanto pelo tuíte do enunciado de origem, como pela ampliação realizada pelo próprio autor (comentário ou resposta, como é conhecido no Twitter/X). O *post* contou com uma interação de 44 mil respostas, 43 mil retuítes, 76 mil curtidas e foi salvo por 491 contas, enquanto o comentário teve nove mil respostas, 11 mil retuítes e 45 mil curtidas. Antes de darmos sequência à análise salientamos que, no período em que o referido tuíte foi produzido (21 de outubro de 2020), o país havia ultrapassado o

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em: 14 nov. 2024.

número de 159 mil mortes por covid-19, com mais de cinco milhões de indivíduos infectados pelo vírus<sup>35</sup>.

Tanto o tuíte como o recurso tecnodiscursivo da ampliação por comentário foram utilizados pelo enunciador digital político @jairbolsonaro para reforçar a posição governista exposta na postagem, de que o então presidente não compraria as vacinas desenvolvidas pela Sinovac e que essa era uma decisão pessoal, apesar de estar na posição de maior autoridade do país. Ao nominar a Coronavac como “VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA”, Bolsonaro reduziu a ciência e a pesquisa científica em torno da fabricação do imunizante a uma questão política, com base em divergências que o então presidente possuía tanto com o ex-governador de São Paulo, quanto com a República Popular da China (o que causou, inclusive, problemas diplomáticos para o Brasil). Além disso, ao utilizar caixa alta para mencionar algumas informações, o enunciador digital político @jairbolsonaro revela uma ação intencional em evidenciar determinados trechos para captar a atenção dos usuários, ainda que essa maneira de “falar em voz alta” em ambientes digitais não seja bem-vista pelos internautas, já que de acordo com as práticas de escrita digital, o uso de letras maiúsculas representa um “grito da língua falada” (Silva, 2017), representando certo descontrole e até mesmo falta de cortesia.

Interessante observar também que o ex-presidente optou por não aderir à compra da vacina, naquele momento, com a justificativa de que o fármaco não possuía comprovação científica no país e que, por isso, não valeria a pena o investimento em sua aquisição. Entretanto, relembramos que, ainda em março de 2020, Bolsonaro anunciou<sup>36</sup> que o governo usaria o laboratório do Exército Brasileiro para produzir cloroquina, medicamento amplamente difundido por ele em diferentes momentos da pandemia, mesmo sem nenhuma eficácia comprovada. A esse respeito, vale ressaltar que, apenas no período entre março e junho de 2020, o governo Bolsonaro gastou mais de R\$1,5 milhão de reais na produção de cloroquina, contrariando, inclusive, o ministro da Saúde à época, Henrique Mandetta<sup>37</sup>, que não estava de acordo com a decisão. Também cabe destacar que o Laboratório do Exército chegou a ser investigado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) para averiguar se houve gestão de risco na decisão de aumentar a produção e distribuição de um medicamento sem a devida comprovação de que traria benefícios para tratar a covid-19.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/30/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-30-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2024.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/governo-usara-laboratorio-do-exercito-para-produzir-cloroquina>. Acesso em: 16 nov. 2024.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/gasto-de-r-15-mi-com-cloroquina-pelo-exercito-nao-teve-aval-do-ministerio-da-saude-diz-mandetta/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

Ademais, ao manifestar que “o povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM”, Bolsonaro não se implica pessoalmente a esse grupo, demonstrando um não pertencimento à maioria da pirâmide social brasileira – aqui não se trata de um “nós”, no sentido coletivo de inclusão e participação de todos, mas de um “eles”. Nesse sentido, o ex-mandatário também se excluiu do conjunto de brasileiras e brasileiros que seriam vacinados, reforçando sua postura negacionista em relação à imunização.

O tuíte descrito a seguir foi produzido pelo enunciador digital político @rsallesmma, conforme exposto:

Tuíte 2<sup>38</sup> de Ricardo Salles - conceito governista de bioeconomia para a Amazônia:

Cuidar dos mais de 23 milhões de brasileiros da Amazônia. Preservação, prosperidade e bioeconomia. Só com roda e berimbau, não resolve. Entrevista: Ricardo Salles participa do programa Pânico na Jovem Pan [youtu.be/YWiHsn5IFRU](https://youtu.be/YWiHsn5IFRU) via @YouTube

[Ao final do tuíte aparece uma captura de tela com um dos momentos da referida entrevista].

O tuíte 2 de Ricardo Salles está em formato composto e apresenta os seguintes elementos: texto verbal, com uma breve descrição da participação de Salles no programa Pânico, da Jovem Pan; um *hiperlink*, que redireciona os internautas ao canal do ex-ministro no Youtube, ecossistema em que ele disponibilizou um trecho da entrevista (com 3 minutos e 51 segundos de duração); menção ao usuário @YouTube (conta oficial da plataforma de vídeos na rede social Twitter/X); e uma imagem estática, representada pela captura de tela da participação do ex-ministro no referido programa. A postagem contou com uma interação de 61 respostas, 352 retuítes e duas mil curtidas, sendo salva por dois usuários. Antes de darmos sequência à análise, relembraremos alguns acontecimentos importantes relacionados à pandemia, aos povos indígenas e à temática ambiental no período histórico em que o tuíte foi publicado (27 de fevereiro de 2021).

O texto verbal do tuíte demonstrou o posicionamento do ex-ministro em relação à Amazônia e a sua população: ele citou a bioeconomia e os “23 milhões de brasileiros” habitantes daquele território, sem fazer referência aos povos indígenas e outras populações da floresta, como quilombolas, ribeirinhos, seringueiros etc.<sup>39</sup>, ao encontro do que manifestou no tuíte 6, em que também mencionou apenas a cifra com a quantidade de habitantes da região, sem nomeá-los como tal. Com isso, Salles ignorou, mais uma vez, a identidade das

<sup>38</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1365679633279107075>. Acesso em: 18 nov. 2024.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20como,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros>. Acesso em: 18 nov. 2024.

diversas populações tradicionais da Amazônia, evidenciando uma estratégia colonial para descaracterizar a condição de indígena e de povos da floresta e, assim, retirar direitos desses grupos<sup>40</sup>, reconhecidos e amparados pela legislação brasileira.

Além disso, o enunciador digital político @rsallesmma manifestou que para desenvolver a “preservação, prosperidade e bioeconomia” na Amazônia, “só com roda e berimbau, não resolve”, fazendo alusão à Roda de Capoeira, um Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Importante ressaltar a relevância social e histórica da modalidade para o país, já que ela “expressa a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão”<sup>41</sup>. Isso vale para o berimbau, instrumento de raízes africanas que representa a riqueza de suas tradições musicais. Para completar, o advérbio “só” revela a intenção de reduzir a importância da prática nos territórios amazônicos, evidenciando não apenas a ignorância do ex-ministro em relação à cultura popular, como também o seu preconceito às crenças, práticas e rituais afro-brasileiros e tradicionais.

Entre os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelo enunciador digital político @rsallesmma, em seu tuíte 2, identificamos a deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), representada pelos elementos *hiperlink* do YouTube<sup>42</sup>, que redireciona os internautas para a entrevista, disponibilizada no canal de Salles na plataforma de vídeos, e pela menção ao perfil @YouTube (permite ao usuário acessar essa outra conta no Twitter/X). Esse movimento tecnodiscursivo possibilita a saída do discurso-fonte (tuíte) para o discurso-alvo (entrevista), de modo a oportunizar ao tuiteiro o acesso a um novo conteúdo. O *link* também configura uma ampliação (Paveau, 2021) do discurso primeiro, já que prolonga tanto a enunciação como também a atividade de leitura do escribeitor. A partir do exposto, mesmo que o internauta já tenha indícios sobre a postura do ex-mandatário em relação aos temas citados na postagem, é fundamental assistir ao vídeo para compreender a integralidade do discurso promovido pelo então ministro. Para complementar nossa análise, destacamos um trecho da entrevista disponibilizada por Salles em seu canal no YouTube:

O que que eu acho que é o grande caminho tributário pra Amazônia? Você vê alguns amigos aí do Joel Pinheiro da Fonseca falando da bioeconomia da Amazônia. A verdade é o seguinte: o Lula era presidente da República, Marina, a grande ídola do Pinheiro da Fonseca, era ministra do Meio Ambiente, e esses caras não fizeram bioeconomia na Amazônia. Eles tinham maioria no Congresso, situação orçamentária invejável, um baita de um alinhamento político com os governadores da região na época, o cara aprovava tudo que ele queria no Congresso e não fizeram a bioeconomia na Amazônia. Que grande empresa de bioeconomia tá na Amazônia, grande indústria cosmética, farmacêutica? Então o pessoal, “ah, o potencial da floresta em pé”. Perfeitamente, um baita potencial. O que que virou business

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade-em-saude/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 18 nov. 2024.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/66/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YWiHsn5IFRU>. Acesso em: 22 nov. 2024.

da bioeconomia? E por que que não virou, dentre outras razões, por que que não virou business? Porque essa turma não gosta de setor privado. Essa turma gosta de pegar recurso de organismos internacionais e pagar financiamento de pesquisa que nunca termina, seminário sobre temas que não levam nada a lugar nenhum, e alguns fazem alguns bons trabalhos, mas a maioria não gosta de setor privado, e você não vai desenvolver o mercado de bioeconomia pra incorporar 23 milhões de brasileiros que vivem na Amazônia com base em roda de berimbau. (SALLES, Ricardo. Entrevista com Ricardo Salles. [Entrevista cedida a] Emílio Surita. 27 fev. 2021. 1 vídeo (3 min 52 s). Publicado pelo canal Ricardo Salles no YouTube).

O vídeo que integra o tuíte 2 de Ricardo Salles revelou um discurso abertamente favorável à exploração econômica da Amazônia, com base em preceitos propagados pelo neoliberalismo<sup>43</sup>, tais como desregulação, privatização, ausência de proteção social, estímulo à iniciativa individual etc. Tal posicionamento foi apoiado pelos apresentadores do programa, que fizeram coro ao discurso do ex-ministro. A esse respeito, é importante ressaltar que a emissora Jovem Pan possui estreita relação com o bolsonarismo<sup>44</sup> e com a direita política brasileira, sendo investigada, inclusive, por reproduzir informações falsas sobre o presidente Lula durante a campanha presidencial de 2022<sup>45</sup>. Cabe salientar, ainda, que o tema devastação da Amazônia simplesmente não fez parte do trecho selecionado pelo ex-ministro para compor o seu tuíte, apesar do aumento das queimadas na região no período em que a postagem foi produzida.

Por fim, relembramos que fevereiro de 2021 foi, até aquele momento, o segundo mês mais letal da pandemia no país, com o total de 30.484 óbitos<sup>46</sup>. Nesse período, o Brasil registrava mais de mil mortes por dia, com recordes nos estados de Minas Gerais, Rondônia e Roraima. Ademais, o alto índice de letalidade da covid-19 atingiu também os povos indígenas, proporcionalmente mais infectados do que a população em geral<sup>47</sup>. Na Terra Indígena Yanomami, localizada nos estados do Amazonas e Roraima, onde há intensa atividade ilegal de desmatamento, grilagem e garimpo, famílias inteiras foram contaminadas pelo vírus<sup>48</sup>. Imersas em um grave cenário epidemiológico, as populações originárias ainda tiveram que lidar com a precarização do atendimento à saúde, o abandono da gestão federal

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.bresserpereira.org.br/works/smallpapers/94-99FimTriunfalismoNeoliberal.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/tse-abre-investigacao-contra-jovem-pan-por-isonomia-a-pedido-de-lula,15e1ec2e956993cf31af384d52d16cba9aci6k8.html>. Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/01/brasil-tem-30484-mortes-por-covid-19-em-fevereiro-2o-maior-numero-em-toda-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>47</sup> Disponível em: [https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwlbu2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdwJhXJO5wN7gHlkO5wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD\\_BwE](https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwlbu2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdwJhXJO5wN7gHlkO5wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD_BwE). Acesso em: 22 nov. 2024.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/11/terra-yanomami-familias-inteiras-com-covid-onde-o-garimpo-esta-fora-de-controle>. Acesso em: 22 nov. 2024.

e com a propagação de notícias falsas sobre as vacinas e supostas medicações sem eficácia comprovada como tratamento para a doença. Ainda em 2020, o Fórum de Lideranças Yanomami e Yekweana alertou sobre a falta de ações coordenadas para o combate ao vírus na região e a crescente tomada de seus territórios por invasores<sup>49</sup>, que se tornaram um dos principais vetores de transmissão da covid-19. Com a campanha #ForaGarimpo e #ForaCovid, o grupo buscou engajar a sociedade não indígena para pressionar as autoridades a adotarem medidas contra os invasores e em defesa de suas populações e do meio ambiente.

No que se refere à Amazônia, fevereiro de 2021 foi um mês com intensa atividade ilegal de exploração dos recursos naturais: foram registrados<sup>50</sup> 179 quilômetros quadrados de desmatamento, o que representou um aumento de 74% em relação a fevereiro de 2020. Os estados com maior índice foram Pará, Roraima, Mato Grosso, Amazonas e Rondônia. Em relação às florestas degradadas houve um aumento de 38% em comparação com o ano anterior.

### **Apontando conclusões**

Neste artigo, resultado de uma pesquisa maior, buscamos compreender e evidenciar os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelos sujeitos Jair Bolsonaro e Ricardo Salles para se enunciar, enquanto personalidades políticas, na rede social digital Twitter/X, tendo como base a Análise do Discurso Digital (Paveau, 2013a, 2013b, 2017, 2021).

Como contribuição epistemológica, propusemos uma ampliação do termo enunciador digital, desenvolvido por Paveau (2021), visando contemplar os perfis políticos participantes do Twitter/X, uma vez que compreendemos esses indivíduos como usuários diferenciados, que compartilham das mesmas práticas sociais, valores e discursos tanto no digital como no *offline* (ao contrário de um internauta anônimo ou mesmo de outras figuras públicas que não possuem responsabilidade com o exercício do poder). Diante do exposto, sugerimos o termo enunciador digital político para fazer referência aos representantes públicos com atuação nas RSD, não apenas para marcar uma diferença em relação a outros usuários, mas, principalmente, por considerarmos que esses perfis são utilizados para ampliar manifestações discursivas e fortalecer identidades já constituídas fora do digital.

A partir de nossas análises, verificamos que os enunciadores digitais políticos @jairbolsonaro e @rsallesmma utilizaram diferentes recursos tecnolinguageiros na composição de seus tuítes, com destaque para a ampliação por deslinearização enunciativa (Paveau, 2021). Essa estratégia tecnodiscursiva possibilita ao escritor o compartilhamento

---

<sup>49</sup> Idem anterior.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://amazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-fevereiro-2021-sad/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

de conteúdos que ultrapassam os limites técnicos da plataforma, de modo a prolongar o discurso primeiro, como ocorreu nos tuítes dos ex-mandatários, com o compartilhamento de *hiperlinks*. Enquanto Bolsonaro divulgou, no Twitter/X, o acesso a uma de suas *lives*, transmitida originalmente ao vivo em seu canal no YouTube, o ex-ministro compartilhou trechos de entrevistas concedidas a programas da mídia, disponibilizadas em distintos ecossistemas.

Tendo em vista a imprevisibilidade dos tecnodiscursos, compreendemos que, nas produções digitais nativas, o escritor não segue um percurso fixo de leitura, sendo impossível projetar não só o comportamento dos internautas (Paveau, 2021) como também prever se eles irão acessar ou não conteúdos que levam a outros ambientes da internet, como sugerem os *hiperlinks* das postagens analisadas. Contudo, conforme observamos nos tuítes de Bolsonaro e Salles ampliados pela deslinearização enunciativa, a compreensão do *post* político não se limita às informações presentes naquela produção unicamente, sendo fundamental a saída do discurso fonte (tuíte) em direção ao discurso-alvo – no caso desta pesquisa, vídeos em outras plataformas ou sites – para a completa percepção da produção tecnolinguageira.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a influência dos algoritmos no comportamento tecnolinguageiro dos usuários, já que a circulação dos discursos *online* e o nosso agir na rede dependem de uma seleção realizada previamente pela programação dos diferentes ecossistemas digitais. Assim, a disseminação e a própria viralização de conteúdos nos espaços virtuais ocorrem independentemente da qualidade ou mesmo da veracidade da produção, como bem presenciamos durante a pandemia e em períodos eleitorais recentes. Por isso, convém trazer à discussão a urgente necessidade de uma regulação para as grandes corporações de tecnologia (também chamadas de *big techs*), que dominam o mercado digital em todo o mundo, não somente para evitar a propagação de notícias falsas, mas também para garantir a responsabilização dos internautas e das próprias empresas, que permitem a circulação de conteúdos sem nenhuma verificação.

É importante destacar também que tanto Bolsonaro como Salles, em seus tuítes, apresentaram enorme resistência em denominar os povos originários como tal. O então presidente usou os termos “índio” e “caboclo” para referir-se à população amazônica, quando afirmou que eles seriam os responsáveis pelos incêndios naqueles territórios. Nesse mesmo caminho, o ex-ministro referiu-se aos habitantes do bioma como “23 milhões de brasileiros”, demonstrando o desprezo à riqueza cultural, histórica e linguística das mais de 180 etnias que vivem no bioma. O não reconhecimento dos povos originários, de seus territórios e legado, escancara o projeto colonial de apagamento das identidades indígenas promovido pela gestão bolsonarista, sobretudo durante a pandemia, período em que a omissão e a violência praticadas contra essas populações foram ainda mais severas. Para além da polêmica sobre

um presidente e um ministro do Meio Ambiente não utilizarem a nomenclatura adequada, a não referência aos povos indígenas revela também uma política de invisibilização destes grupos, para que seus direitos não sejam reconhecidos e garantidos pelo poder público. Desse modo, reiteramos que as crises social, política e ambiental vividas pelas populações originárias do Brasil foram agravadas, ainda mais, durante a pandemia, com as políticas anti-indigenistas promovidas por Bolsonaro e Salles.

Por fim, salientamos que não iremos superar a emergência climática com um orçamento constrangido pela acumulação financeira, sob um modelo econômico voltado para a exportação e a agricultura em larga escala, que acaba por exaurir recursos hídricos e biomas inteiros. Menos ainda se a devastação das leis ambientais seguir avançando, colocando o lucro imediato de poucos acima do bem comum e do patrimônio coletivo existente nos recursos não renováveis. Esta pesquisa defende o desenvolvimento do país de forma sustentável. Não compactuamos com o atual modelo de exploração promovido pelos grandes latifúndios, que consomem os recursos da terra, disseminam venenos, incendeiam florestas e incentivam a mineração a céu aberto. É mais que urgente nos unirmos, em todas as esferas, contra exploradores, agressores, grileiros, assassinos e aqueles que atacam os direitos ancestrais. A sobrevivência da Amazônia e dos povos originários representa o presente e o futuro de todas e todos nós.

## Referências

AMAZÔNIA - Os povos da Floresta. In: INSTITUTO Sociedade, População e Natureza (ISPN). Disponível em: <https://ispn.org.br/biomass/amazonia/povos-e-comunidades-tra-dicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20como,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BOLSONARO, Jair. [A vacina chinesa de João Doria]. Brasília, 21 out. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BOLSONARO, Jair. [Divulgação de live sobre covid-19 e outros temas]. Brasília, 23 jul. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1286494268509556736>. Acesso em: 09 nov. 2023.

BOLSONARO, Jair. Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro – 23/07/2020. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (38 min 19 s). Publicado pelo canal Jair Bolsonaro. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD\\_tuRPY](https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD_tuRPY). Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Amazônia Legal**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). **A taxa consolidada de desmatamento por corte raso para os nove estados da Amazônia Legal (AC, AM, AP,**

**MA, MT, PA, RO, RR e TO) em 2019 é de 10.129 km<sup>2</sup>.** Disponível em: [http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=5465](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5465). Acesso em: 11 nov. 2024.

**BRASIL.** Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). **Limites da Amazônia Legal.** Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/geonetwork/srv/eng/catalog.search#/metadata/d6289e13-c6f3-4103-ba83-13a8452d46cb>. Acesso em: 11 nov. 2024.

**BRASIL. Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966.** Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5173.htm#art63](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm#art63). Acesso em: 11 nov. 2024.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. **Povos e Comunidades Tradicionais.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade-em-saude/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 18 nov. 2024.

**BRASIL.** Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Amazônia.** Disponível em: <https://www.gov.br/mma/biomass/amazonia>. Acesso em: 11 nov. 2024.

**BRASIL.** Secretaria de Comunicação Social. **Brasil tem 1,69 milhão de indígenas, aponta Censo 2022.** Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/08/brasil-tem-1-69-milhao-de-indigenas-aponta-censo-2022>. Acesso em: 11 nov. 2024.

**BRASIL** soma mais de 159,5 mil mortos por Covid; casos confirmados têm 4º dia de alta e somam 5,5 milhões. *In:* G1. 30 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/30/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-30-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2024.

**CASEMIRO**, Poliana. Pesquisadores do Inpe e Cemaden alertam para risco de incêndios em 'proporções descontroladas' na Amazônia. *In:* G1. Vale do Paraíba e Região, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-pariba-regiao/noticia/2020/06/05/pesquisadores-do-inpe-e-cemaden-alertam-para-incendios-em-proporcoes-descontroladas-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2024.

**CASTRO**, Mariana. Terra Yanomami: "Famílias inteiras com covid onde o garimpo está fora de controle". *In:* BRASIL de Fato. Imperatriz, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/11/terra-yanomami-familias-inteiras-com-covid-onde-o-garimpo-esta-fora-de-controle>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CNS reforça posição da Fiocruz sobre uso da cloroquina em casos leves de Covid-19. *In:* CONSELHO Nacional de Saúde (CNS). Brasília, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1274-cns-reforca-posicao-da-fiocruz-sobre-uso-da-cloroquina-em-casos-leves-de-covid-19>. Acesso em: 14 nov. 2024.

Desmatamento em terras indígenas. *In:* Greenpeace Brasil. 8 maio 2020. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-em-terras-indigenas-aumenta-64-nos-primeiros-meses-de-2020/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

**DI FELICE**, Massimo. **A cidadania digital:** a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2021.

**DI FELICE**, Massimo; TORRES, Juliana C.; YANAZE, Leandro K. H. **Redes digitais e sustentabilidade:** as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2021.

FONSECA, A. *et al.* Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (fevereiro 2021). In: INSTITUTO do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). 16 mar. 2021. Disponível em: <https://imazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-fevereiro-2021-sad/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Governo usará laboratório do Exército para produzir cloroquina. In: Agência Brasil. Brasília, 21 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/governo-usara-laboratorio-do-exercito-para-produzir-cloroquina>. Acesso em: 16 nov. 2024.

INDÍGENAS foram mais infectados pela COVID-19 e tiveram menor cobertura vacinal. In: INSTITUTO de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé). 26 jul. 2022. Disponível em: [https://institutoepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwlbu2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdWJhXJO5wN7gHlkO5wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD\\_BwE](https://institutoepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwlbu2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdWJhXJO5wN7gHlkO5wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD_BwE). Acesso em: 22 nov. 2024.

JUNQUEIRA, Diego. Gasto de R\$ 1,5 mi com cloroquina pelo Exército não teve aval do Ministério da Saúde, diz Mandetta. In: REPÓRTER Brasil. 25 jun. 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/gasto-de-r-15-mi-com-cloroquina-pelo-exercito-nao-teve-aval-do-ministerio-da-saude-diz-mandetta/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

LACERDA, Nara. Vacina: Governo não pode excluir indígenas de áreas urbanas dos grupos prioritários. In: BRASIL de Fato. São Paulo, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/16/vacina-governo-nao-pode-excluir-indigenas-de-areas-urbanas-dos-grupos-prioritarios>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LANGLOIS, Jill. Morte de anciões por covid-19 ameaça línguas indígenas do Brasil. In: NATIONAL Geographic. 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/11/morte-de-anciaos-por-covid-19-ameaca-linguas-indigenas-do-brasil>. Acesso em: 13 nov. 2024.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução: Carlos da Costa. Rio de Janeiro: ed. 34. 1994.

MAGALHÃES, Ana; CAMARGOS, Daniel; JUNQUEIRA, Diego. Os interesses econômicos por trás da destruição da Amazônia. In: REPÓRTER Brasil. 24 ago. 2019. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/08/os-interesses-economicos-por-tras-da-destruicao-da-amazonia/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MINISTRO do Meio Ambiente defende passar “a boiada” e “mudar” regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. In: G1. Rio de Janeiro, 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradução Fernando Curti Gibin e Julia Lourenço Costa. **Revista Linguasagem**. São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826/476>. Acesso em: 24 out. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Orgs. COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021.

PINHEIRO, Lara. Brasil tem 30.484 mortes por Covid-19 em fevereiro, 2º maior número em toda a pandemia. In: G1. 01 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/01/brasil-tem-30484-mortes-por-covid-19-em-fevereiro-2o-maior-numero-em-toda-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SALLES, Ricardo. **[Bioeconomia na Amazônia]**. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1365679633279107075>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SALLES, Ricardo. UOL. **Entrevista com Ricardo Salles**. [Entrevista cedida a] Diogo Schelp. [S. l.: s. n.], 25 maio 2020. 1 vídeo (1 hora 8 s). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GpJXuswWUrl>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SALLES, Ricardo. Pânico. **Entrevista com Ricardo Salles**. [Entrevista cedida a] Emílio Surita. [S. l.: s. n.], 27 fev. 2021. 1 vídeo (3 min 52 s). Publicado pelo canal Ricardo Salles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YWiHsn5lFRU>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SALLES, Ricardo. **[Esclarecimentos sobre a frase “passar a boiada”]**. Brasília, 25 maio 2020. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1265053570715574272>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiperhíbridos** [Livro eletrônico]: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021. E-book.

ZIEGLER, Maria Fernanda. Saúde precária e postura anti-indígena exacerbaram mortes por COVID-19 na Amazônia, avaliam cientistas. In: AGÊNCIA Fapesp. 20 ago. 2021. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/saude-precaria-e-postura-anti-indigena-exacerbaram-mortes-por-covid-19-na-amazonia-avaliam-cientistas/36634/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

## Sobre os autores

*Júlia Klein Caldas*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4057-3802>

Jornalista, doutora e mestra em Linguística Aplicada. Pesquisadora de Pós-Doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

*Maria Eduarda Giering*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8098-4238>

Doutora em Linguística e Letras. Professora titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e do curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Recebido em abr. de 2025.

Aprovado em out. de 2025.